

A luta política por trás dessa greve

Mais do que uma simples luta de classe por melhores condições de vida dos trabalhadores rurais, a greve dos 30 mil bóias-frias da região canavieira de Ribeirão Preto (com 1,8 milhão de habitantes), que durou 10 dias, tem como pano de fundo uma declarada disputa político-ideológica pela liderança sindical na área rural mais importante do País (a região produz 35% das 42,7 milhões de toneladas dos produtos agrícolas do Estado de São Paulo). Ela envolve, principalmente, o Partido dos Trabalhadores — que quer ampliar sua atuação, até agora restrita aos centros industriais (sobretudo no ABC), conquistando posições no campo — e entidades classistas, antagônicas, que desejam o comando de todo o movimento sindical nacional. Nessa disputa, de um lado esteve a CUT — Central Única dos Trabalhadores, liderada pelos metalúrgicos do ABC e ligada ao PT e à Igreja progressista, e de outro o Conclat — Congresso Nacional da Classe Trabalhadora, liderado pelos metalúrgicos de São Paulo e composto por membros do PMDB e de partidos não oficiais. Essa luta por um comando único dos trabalhadores brasileiros sempre esteve presente nas manifestações dos operários nos centros urbanos e agora chega ao meio rural. O primeiro confronto é registrado na região de Ribeirão Preto, especialmente em Guariba.

Demissões

Por mais que o desemprego atinja milhares de bóias-frias na região e as condições de vida dos 300 mil habitantes na zona rural de Ribeirão Preto sejam precárias (ganham menos de Cr\$ 10 mil por dia trabalhando das 6 às 19h), a greve dos cortadores de cana de Guariba não foi deflagrada (no último 4) por essa razão, mas sim para exigir a recontração de 13 trabalhadores rurais demitidos da Usina de Açúcar e Alcool São Martinho — a maior do País —, ligados ao PT e a CUT, em represália ao fato de pretenderem criar um sindicato de trabalhadores rurais em Guariba (o município pertence à base territorial do sindicato de Jaboticabal).

A CUT e o PT passaram a pensar na criação de um sindicato em Guariba durante a primeira greve e revolta dos bóias-frias do município, em maio do ano passado, quando destruíram instalações da Sabesp. Nesse movimento, a liderança do trabalhador José de Fátima despontou. Ele logo foi transformado em presidente do PT na cidade, escolhido líder de um novo sindicato, sob controle da CUT.

Em setembro último, um grupo de bóias-frias reuniu-se numa assembleia em Guariba para fundar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade, e uma chapa formada por 13 pessoas, encabeçada por José de Fátima, venceu. Contando com a ingenuidade do preceito do sindicato rural (patronal), de Laurentis, que incentivou a formação do sindicato, oferecendo um prédio para a entidade instalar-se, pois julgava que a chapa indicada venceria e assim teria todos os trabalhadores sob sua rédeas para evitar novas reivindicações aos canavieiros e usineiros da região, além de pretender candidatar-se a prefeito nas próximas eleições.

A documentação para a formação do novo sindicato foi, enfim, encaminhada à sub-delegacia do Ministério do Trabalho em Ribeirão Preto, já com a indicação da diretoria provisória, da qual José de Fátima era o presidente. Tudo indicava que o PT teria um dos primeiros sindicatos rurais sob seu controle, através da CUT, presidida pelo metalúrgico Jair Meneguelli, de São Bernardo do Campo.

Mas, sabendo que perderia uma importante base, a Fetaesp — Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo, favorável ao Conclat (presidido pelo metalúrgico

Joaquim dos Santos Andrade, do sindicato de São Paulo), que tinha Guariba sob seu controle, através do sindicato de Jaboticabal, começou a apontar irregularidades na formação do novo sindicato, pois cabe à Federação fornecer parecer ao Ministério do Trabalho sobre a necessidade de desmembramento da base territorial dos sindicatos.

Assim, a Fetaesp, que não concorda com os métodos da CUT, segundo confirma o presidente da Federação, Roberto Horiguti, desaprovou o novo sindicato, dizendo que 2/3 dos sindicalizados de Guariba ao sindicato de Jaboticabal estavam presentes à assembleia que escolheu os diretores do órgão. E que dos 13 nomes da chapa eleitos, um dos escolhidos para o conselho fiscal era analfabeto, impedido legalmente de exercer o cargo. Assim o Conclat vencia e a CUT perdia, pois o sindicato de Guariba ainda não foi reconhecido pelo Ministério.

O estopim da greve

Paralelamente, o bóia-fria José de Fátima já se intitulava presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e passou a fazer reivindicações aos usineiros da região como tal, enviando uma enérgica carta à Usina São Martinho, com sede em Pradópolis, onde trabalhava, exigindo melhores condições de vida aos sete mil trabalhadores rurais dessa destilaria. Considerado indesejável na empresa e sem imunidade sindical, José de Fátima foi demitido por justa causa no dia 16 de dezembro. E os outros 12 membros da chapa diretiva do novo sindicato, também funcionários da Usina São Martinho, foram dispensados no último dia 2.

Descontente com a demissão, José de Fátima procurou o presidente do Sindicato Rural (patronal), José de Laurentis, para negociar a recontração de seu grupo, ameaçando levar os bóias-frias de Guariba à greve, o que de fato aconteceu (a greve foi deflagrada no dia 4). Temendo novos conflitos em Guariba, a exemplo do ano anterior, José de Laurentis prometeu, sem consultar a Usina São Martinho, a readmissão dos 13 sindicalistas, desde que a greve fosse suspensa. Ambos formalizaram o acordo que previa ainda a estabilidade no emprego dos bóias-frias, na segunda-feira, dia 7. E a greve, assim, terminaria.

Mas a Usina São Martinho não autorizou tal acordo, chamando De Laurentis para uma reunião na própria segunda-feira, quando ele foi obrigado a dizer que houve um mal-entendido e que não haveria acordo algum. Os bóias-frias então intensificaram a greve.

Nessa altura, chega à cidade Hélio Neves, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Araraquara e diretor da Fetaesp, que se engajou na coordenação da greve, para não permitir o contrato do movimento pela CUT.

Estava declarada a intensa disputa pelo "poder no campo". A CUT pediu reforço aos sindicalistas do ABC e para lá seguiram vários membros do PT de Santo André, São Bernardo, inclusive Osvaldo Bargas, secretário-geral da CUT, diretor cassado do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, um dos organizadores das históricas greves dos metalúrgicos do ABC em 80. Inferiorizados, os simpatizantes do Conclat também se reforçaram e seguiram para a região. Roberto Horiguti, presidente da Fetaesp, e seus assessores, decididamente contra a CUT.

(Página 12)